

Velocità

Quando pus os pés fora do hospital, a porta de vidro se fechou, automaticamente, atrás de mim. Eu não sabia quanto tempo havia se passado e não me lembrava daquela rua. O movimento era intenso, o barulho ensurdecedor, o medo impediu que eu desse um único passo.

A porta se abriu novamente e as pessoas saíram apressadas, esbarrando em mim, como se eu estivesse atrapalhando, e eu realmente estava. A minha bolsa foi arremessada a alguns metros, mas isso nem foi percebido, pois todos estavam sem tempo. Ninguém me ajudou, afinal de contas, eu não estava doente mesmo. Eu era apenas alguém, ou talvez ninguém, que segundo disseram os médicos dormira durante anos. Recordo apenas de uma forte dor de cabeça.

Com dificuldade consegui sair do lugar. A preocupação substituiu o medo e tentei resgatar os meus pertences em meio a um emaranhado de pernas, que se moviam muito rapidamente. Parecia que o mundo inteiro estava atrasado.

Aquele movimento me atordoava e sem noção caminhei para a rua, a fim de atravessá-la e buscar um porto seguro. Nem havia descido da calçada e buzinas começaram a gritar incessantemente, berros eram proferidos. Está louco! Está louca! Realmente eu estava. Voltei com os olhos fechados. A multidão me carregou em seus braços. Não conseguia nadar contra a correnteza e fui levado, rio abaixo, até que todos pararam, uniformemente. A luz que estava vermelha ficou verde. Vamos! Vamos! Um apito foi ouvido. O que parecia ser um guarda - e era um guarda, mas eu não reconhecia a sua farda - movimentava as mãos rapidamente, ordenando que os pedestres atravessassem a movimentada avenida. Eu fui arrastado.

Do outro lado, cada um se moveu para um sentido. Era uma praça e finalmente eu estava livre. Pessoas se aproximaram. Ofereceram coisas. Óculos, relógio, doces... Coloquei uma mão no ouvido. Aquilo tudo me confundia. Tentei colocar a outra. Alguém puxou e levou a minha bolsa. Voltei-me, mas não vi nada. Olhei para todos os lados, girei, fiquei zozzo e sentei no primeiro banco que encontrei.

Só assim senti-me melhor, pude respirar fundo e observar, com calma, aquilo que mais parecia um formigueiro humano. Ali fiquei, durante horas, sem fazer parte daquele universo alucinante. A noite chegou, porém a velocidade continuou, os carros, diferentes dos que eu conhecia, circulavam em disparada. Luzes corriam no asfalto. Arrisquei levantar-me e ao olhar para cima, vi milhares de cores, piscando,

freneticamente. A noite tinha vida própria. Minha visão estava ofuscada. Caminhei sem rumo, sem norte...

A vida passara muito rapidamente para mim e eu não sabia quanto tempo separava o antes e o depois. Dez anos... Vinte. Trinta talvez. Também pudera, o universo respirava velocidade e até parecia que a Terra girava mais rapidamente. Senti náuseas. Eu estava fora do meu tempo, e a normalidade para as outras pessoas, significava o caos para mim. Deitei-me, vagorosamente, e resolvi esperar o tempo passar. Afinal de contas ele voava, e a minha existência não demoraria a chegar ao seu final.

Vitor Fernandes